

MOMENTO

feminino

LAVRADIO, 55, Sala 14 — RIO
6.ª Feira, 23 de Janeiro de 1948
CR\$ 1,00 ★ ANO I ★ N.º 27

UM JORNAL PARA O SEU LAR



KATHERINE HEPBURN, a grande artista que todos conhecem é também a grande mulher em luta pela democracia e pela paz mundiais. Sua eloquência — Katherine tem falado em vários comícios, na América — irrita os fascistas americanos e mercadores da guerra. Katherine foi uma das vítimas do Comitê de Atividades Anti-americana e sua figura de mulher consciente de seus deveres, defendendo a liberdade e a justiça, é como que um desafio ao fascismo mundial. A luta de Katherine Hepburn é a luta de todas as mulheres conscientemente democratas em defesa da própria vida! Sobre ela escreveu uma jornalista francesa: "Katherine é amiga dos eletricitistas e maquinistas dos studios em que trabalha. Nada tem de "snob" e nunca se deixou embriagar pelo sucesso. Parece que suas idéias democráticas vêm da sua juventude e Roosevelt exerceu sobre ela uma grande influência. Durante a guerra trabalhou infatigavelmente contra o fascismo. E hoje presidente do P.C.A. (Progressive Citizens of América) e seu nome aparece muito ao lado do de Wallace nos grandes comícios democráticos dos Estados Unidos

Nossos Problemas

ARCELINA MOCHEL

Há um ano que as mulheres se organizaram para desfechar combate à carestia e ao câmbio negro. Suas atividades se caracterizam por essa forma de luta.

Muitas manobras foram desmascaradas, toda a miséria do povo foi posta para fora e inúmeras soluções aos nossos problemas foram apontadas às autoridades administrativas.

Entretanto, que podemos constatar de positivo na prática? Que soluções honestas foram tomadas? Que facilidades de vida foram concedidas ao povo? Com que segurança podemos contar?

Nada disso existe, senão muita demagogia que não mais atua no espírito feminino, que sabe analisar e sabe concluir.

Os rumorosos casos de certos gêneros de primeira necessidade se revesam, uns desviando os outros com alguns paliativos para ver se o povo se acomoda por algum tempo. Foi assim que o caso da carne apareceu agora como resolvido, sem se saber, entretanto, quais as medidas tomadas com os frigoríficos estrangeiros, sabendo-se apenas que o do Cais do Porto guardará o estoque de 2 000 toneladas do R. G. do Sul e que o caso dos inventistas ainda vai ser estudado. No fim, surge uma observação irônica ao povo carioca: "não se excedam comprando carne demais para guardar em casa. Como se o dinheiro na casa do pobre fosse cascata. Enquanto isso o preço aumentou. E o arroz? Está na mesma? Não. Muito pior. Aquela pretensão da firma do filho do sr. Ministro Adroaldo, no R. G. do Sul, já passou a exportar a produção, sem nenhuma penalidade. E o leite, a cebola, a farinha de mandioca, o feijão, já baixaram de preço e o povo pode comprá-los?

O que existe de verdade é a tapiagem, pensando-se que as mulheres não sabem ver as coisas reais e que o povo se conforma com providências superficiais.

Enganam-se. Pelo lado das mulheres, a luta contra

a carestia continua agora mais vigorosa, mais enérgica, porque durante este último ano elas aprenderam muita coisa, inclusive exigir aquilo a que têm direito. Por isso mesmo, aqui estamos novamente exigindo que seja ultimada a adutora n.º 4 para o abastecimento de água no D. F. porque só o "booster" do Juramento não é tudo. Além disso não aceitamos água demagogicamente como presente de aniversário. Era só o que faltava. Isso é um direito consagrado que nos assiste reclamar e obter.

Por essas coisas todas é que as mulheres compreendem que sua luta neste ano tem de ser maior. E vão exigir muito, porque estão convencidas de que a luta pela vida confortável e digna, de que a luta para não morrerem de fome é uma tarefa de primeira grandeza.

Exigirão 3.900 sacos diários de feijão e não apenas 900, menos de um quarto necessário para o consumo; exigirão 4.000 sacos de arroz ao envez dos vergonhosos 135, que constituem um fabuloso desfalque na alimentação do povo; que a farinha de mandioca reapareça no mercado; que o feijão baixe de Cr\$ 4,80 que o leite volte a Cr\$ 1,60, que o preço de todos os legumes seja reduzido, pois para dar apenas um exemplo, não é possível comprar xuxú a Cr\$ 5,00.

Essa luta das mulheres não para e nesse sentido estamos alertando os senhores administradores, porque neles há muito espírito de colaboração, se atendidas e de acusação, se repelidas. Todas querem ajudar a administração, mas querem também ver os fatos concretizados dentro de um critério honesto e justo.

E assim pensam porque nenhum outro problema lhes é mais importante de que o de defenderem sua economia doméstica, fugindo à desnutrição e às suas consequências, defendendo, acima de tudo o direito de não morrerem de fome.

E' assim que elas se impõem ante a calamitosa situação atual.

SALÁRIO FAMILIA É TAMBÉM UM DIREITO DOS FILHOS ADULTERINOS OU ESPURIOS

O D.A.S.P., respondendo a várias consultas, informa que o salário-família aos servidores com prole adulterina ou incestuosa é devido, pois a palavra "filhos" a lei acrescenta "de qualquer condição", não se compreendendo que haja qualquer distinção para efeito do benefício.

MOMENTO FEMININO

EXPEDIENTE

Diretora:

ARCELINA MOCHEL

Gerente:

LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:
RUA DO LAVRADIO, 55
Sala 14 — Cx. Postal, 2013
Rio de Janeiro

Número Avulso . Cr\$ 1,00
Atrasado Cr\$ 2,00

MUNDO DE HOJE



A reação continua com o seu ranger de dentes aqui e no resto do mundo. As forças democráticas mais avançadas não recuam um momento; as forças democráticas do centro titubeiam aqui e ali, naquela tão velha vacilação. Vacilação velha como a própria história do mundo. E destas vacilações sempre usa e abusou a reação.

Mas não será em vão a luta das mulheres e dos povos do mundo em favor da Democracia. Ela, terá seu império, ela será o dominante, a vitoriosa aqui, ali, em toda parte. Para isso a nossa luta.

Um telegrama notificava há dias que no Japão a senhora Savakibara, deputada socialista, foi nomeada

ministra da Justiça. E acrescentava:

"E' esta a primeira vez que uma mulher ocupa um posto ministerial no Japão."

Talvez fosse melhor dizer que o Japão "avança", que as forças democráticas no Japão começam a ganhar. Quem não sabe a escravização da mulher japonesa até há bem pouco tempo? Mulheres que sofreram séculos e séculos a mais atrás opressão da sociedade e que agora vão às câmaras e chegam aos ministérios?

Não é em vão a nossa luta. Não foi em vão a luta das mulheres e do povo japonês...

Mes a reação continua seu ranger de dentes. Outro telegrama anuncia que

MUNDO DE HOJE



ENEIDA

foi presa nos Estados Unidos, Cláudia Jones, escritora e jornalista. Cláudia Jones é negra e é a secretária da Comissão Nacional Feminina do Partido Comunista Americano. Tem "culpa" demais para ser compreendida pelo regime dirigido por Mr. Truman. Clara foi presa em sua casa, acusada de "violar as leis do país pregando a deposição do governo pela força". Clara não pregava nada disso. O que, ela quer e pelo que luta, é pela democracia americana, pelos direitos de cidadania dos negros, pelo respeito à liberdade do povo americano.

Como Clara é comunista e negra, descobre-se que ela nasceu em Trinidad e será deportada. Se ela servisse aos interesses da reação, seria "condecorada". E' uma mulher que luta, logo, deporta-se. Clara está, segundo os telegramas, presa na Ilha de Ellis. Que novos campos de concen-

tração esará criando o sr. Truman?

E as gloriosas mulheres portuguesas? Leiam, amigas, esta notícia publicada num jornal de Portugal.

"O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas recorreu, oportunamente, para a Auditoria Administrativa, do despacho do chefe do distrito, que ordenou o encerramento daquela coletividade. A Auditoria deferiu a suspensão, mas o sr. governador civil recorreu para o Supremo Tribunal Administrativo o qual, em acórdão agora publicado na fôlha oficial, deu provimento do recurso do chefe do distrito, revogando o despacho recorrido, assim como o que recebeu recurso contencioso, por julgar a Audi-

toria Administrativa incompetente para dele conhecer.

Continua, portanto, encerrada a sede do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas.

"República" de 27-11-47
Compreenderam? O fascismo português na sua fúria assassina e esmagadora tira das mulheres como do povo em geral, toda e qualquer direito.

E a nossa Adalgisa, presa, humilhada, nas prisões feudais de Pernambuco?

O ranger de dentes da reação, o combate cerrado pela democracia neste mundo de hoje, exigem de todas nós união em defesa de nossos direitos, união em defesa de nossas garantias. União para ganharmos a vitória e a vida.

O Dia Da Cidade De São Sebastião

Toda a cidade festejou o 20 de janeiro, dia da sua fundação. Alvorada de salvas de morteiro despertou a população de todos os bairros. Em louvor ao padroeiro da cidade os templos religiosos se encheram durante o dia. A Câmara Legislativa da cidade foi muito frequentada pelosromeiros, que iam fazer suas preces a S. Sebastião, padroeiro da cidade, num nicho ali colocado.

O Centro Carioca festejou civicamente a grande data e organizou uma romaria ao túmulo de Estácio de Sá, fundador da cidade, e um ato cívico no Forte de São João, na Ilha.

ANUNCIE EM
"MOMENTO
FEMININO"

"A Manhã"

ÓRGÃO DE ATAQUES...
DE RISO

E o maior quintaferino do mundo

MAR GRANDE

Conto de DIAS DA COSTA

O farol mandava lá de longe, como numa saudação amistosa, a sua rajada vermelha de luz e se apagou em seguida. A noite escura clara mas a lua não brilhava no céu por onde de estrelas. A cada um daqueles lampejos rubros que vinham do outro lado da baía uma faixa de púrpura desliza fugitiva pela superfície das águas tranquilas. O silêncio da noite era apenas acariado pelo espraiar das ondas preguiçosas na areia da praia. Os grilos não cantavam na noite e, como era verão, não havia o axar estridente de sapos na lagôa do fundo. Envolvido pelo silêncio anesistiado por aquela paz absoluta das coisas adormecidas, Carlos se deixava ficar atento e imóvel, com todos os sentidos alerta, captando sofregamente as sensações daquele momento que jamais se repetiria em sua vida. Ouvia o barulho das ondas, sentia o cheiro do mar penetrando em suas narinas, recebia na face a carícia da brisa fresca, saboreava guloso o gosto acre do cigarro que lhe pendia dos lábios, vagueava devagar os olhos pelo céu imenso, numa consulta ansiosa às estrelas que cintilavam inafavelmente. Mas, não foi por muito tempo que pôde fugir de

si mesmo. Uma a uma as recordações foram voltando, foram surrupiando-o e balçoando ao encanto do mundo em torno para fazê-lo reviver o passado, aquele terrível passado que lhe aparecia agora como um pesadelo, ao mesmo tempo muito distante e muito próximo. Era esse passado que o escravizava ainda estirando as suas garras por cima daquela mar tranquilo, para vir procura-lo, mesmo ali, dentro do silêncio da noite acolhedora como um bérço.

Há seis meses em vez da luz das estrelas, ele tinha por cima da face macilenta, sempre que um intervalo de lucidez rompia o tumulto de seu delírio) olhos anicicos que procuravam os seus olhos, lábios crispados em expectativa carinhosa e angustiada. Eram Beatriz, Edmundo, Elvira ou Jaime, ou todos juntos, que via sempre, infatigáveis, debruçados sobre o seu leito. Lembra-se da lâmpada oscilando mansamente, com o quebra-luz espesso amortecendo a sua claridade leitosa, deixando sombras traçoceiras no teto alto, sombras que o seu delírio povoava de duendes estranhos. Parecia que todas as extravagâncias de sua imaginação, recalçadas anos a fio,

tinham aproveitado aqueles dias de fraqueza, aquelas horas de luta entre a razão e a loucura, para subirem do mais fundo do seu ser, transbordando em visões desvalradas e alucinantes. As vezes eram monstros desconhecidos, escancarando bocas profundas como cavernas, eram mulheres de longos braços oscilantes, ventres desmedidos, seios enormes e peles coloridas pelas mais extravagantes tatuagens. Eram lugares ermos e desolados, cheios de abismos vertiginosos, com luzes veladas escondendo em granito imensos de olhos violáceas. Outras vezes eram pessoas que ele conhecia antes, fatos antigos de sua vida, mas tudo deformado, seres e coisas transformados em caricaturas grotescas, movendo-se em paisagens que lhe pareciam familiares, apesar de reocadas de detalhes breves e absurdamente inverossímil. Mesmo agora, tão longe já desse tempo, sentia um frio mau correr-lhe pela espinha, o coração acelerar o seu ritmo, à simples lembrança desses dias povoados de pavores. O passado estava bem ali com ele. Lembra-se de quando regressara, do último apêto desesperado que lançara às suas forças agonizantes, para chegar até a casa que parecia fugir sempre para mais longe,

Ilustração de IVAN SERPA

dian'e dos seus passos hesitantes e trôpegos. Os dias de loucura, de fome, de inquietação e de humilhação, depois da luta febril sustentada durante tanto tempo, tinham-no transformado naquela ruína humana, naquele resto de per-

via ali, de compreensão para os seus erros, de piedade humana para os seus sofrimentos encheu-lhe o coração purificado pela tortura. O que era o seu sofrimento isolado, diante da soma dos sofrimentos todos que viviam à sua volta? Esse



ros estrangulados, que se arriastava teimocamente, numa mobilização das últimas migalhas de energia existentes no seu corpo macerado. Fora com as mãos crispadas, os maxilares contralidos, os ouvidos zumbindo e um clarão rubro dançando-lhe diante dos olhos que subira os pontos de degraus, finalmente alcançados, e batera à porta.

Depois foi o vasto abstrato, por um tempo sem medida, até o tumulto vertiginoso daquele delírio sem fronteiras. Pouco a pouco os períodos de lucidez foram ficando mais longos, e, afinal sonhos sem sonhos, lhe permitiram repousos há muito aniciados.

Quando veio a convalescência os dias decorreram tranquilos e doces, com pequenos passeios ao sol, longas conversas sem rumo fixo e leituras espaçadas e leves. Foi então que a sua velha cidade, com as agulhas dos seus templos numerosos apontadas para o alto, as suas ladeiras serpenteando pelas encostas empinadas, seus prédios centenários a razeando horizontes, seus recantos de praças lavadas rebrilhantes ao sol, seus ruídos noturnos de atabaques misteriosos e distantes, suas vozes arrastadas que eram ainda o eco misturado de três línguas diferentes, tudo o que já conhecia antes, criou um encanto novo e mais profundo para a sua sensibilidade afinada e renascente. Um sentimento mais forte para a gente humilde que vi-

ramento de uma força para obedecer ao comando que lhe veio, através de Beatriz, Jaime, Edmundo e Elvira, reunidos em Conselho. O momento não lhe permitia cuidar de outra coisa que não fosse ressuscitar o seu corpo destruído pela tormenta que enferrara. Tinha que viver, pelo menos durante seis meses, longe de tudo, afastado de qualquer luta.

E há seis meses estava ali, familiarizando-se com o mar amigo que cantava em torno da ilha, tornando-se dia a dia mais forte e pensando ao sol nos ardores batidos pelas vagas, fazendo longas caminhadas pela mata verde, integrando-se plenamente na natureza poderosa e protetora. Mas nada disso era o mais importante. Agora, no momento em que tinha de decidir, é que sentia o quanto Mariana se tornara um grilão difícil de quebrar em sua vida. Antes nunca supôs que aquela união nascia de um encontro ao acaso se tornaria mais naquela necessidade permanente de contato mútuo, naquela atração cada vez mais forte e que estava se transformando na finalidade única da vida de ambos. Quando a possuía pela primeira vez, estranhando a realidade com que ela se lhe entregava, sem exigir nada em troca, e ainda quando essa praxe se repetia, vezes sem conta, sempre encontrando-a desinteressada e amiga, acolhedora no seu abandono, re-

(Conclui na 11.ª pag.)

As Mulheres Desejam a Paz

ANA MONTENEGRO

A dor das mulheres que perderam, na última guerra, seus filhos e companheiros, atormentará suas vidas várias, sem que o tempo, através dos anos, consiga arretecê-la. Os retratos estarão, pelas paredes, dentro da frialdade simétrica das molduras. As lembranças marcarão, na sombra dos lares, os contornos de uma pre-

sença que a morte arrancou. Aqueles fantasmas que atormentaram as nossas noites, quando os moços tombaram, na luta comum, contra o nazi-fascismo, enchem de visões estas noites calmas, mornas, pesadas de verão. Em nossos versos viamos e sentiamos, com os olhos e o coração de mãe, a tragédia dos filhos de milhões de mulheres:

deira esfarrapada do fascismo.

Assim, começarão, nesse sentido, um movimento de solidariedade às famílias que, de qualquer forma, sejam atingidas pelas violências daqueles senhores. O alicerce da paz está na segurança e tranquilidade dos lares. Os lares do Brasil, os nossos lares, não estão nem seguros, nem tranquilos. As famílias já atingidas devem ser prestados socorros imediatos, morais e materiais. Visitas, roupas, alimentos, remédios. As crianças precisam comer, enquanto os pais sofrem prisões injustas e ilegal. Essa é uma forma de luta pela paz.

As mulheres lutarão unidas, como já vêm lutando, mundo inteiro, através da Federação Democrática Internacional de Mulheres, desde 1945. Com milhões de mulheres organizadas.

A visão dos filhos amortalhados nas dobras verdes do mar, sepultados no escuro e húmido ventre da terra, será a inspiração na luta contra as guerras, na resistência contra toda a forma de fascismo. As mulheres de todos os continentes, que já misturaram suas lágrimas, misturaram suas vozes para fazer aquele juramento, que ressoa em todos os recantos do mundo, e que ouvimos nestas noites calmas, mornas, pesadas de verão: "Fazemos o solene juramento de lutar sem treguas para assegurar ao mundo uma paz duradoura, garantia única da felicidade de nossos lares e do florescimento de nossos filhos".

Dentro das noites levantam-se os fantasmas. Corpos mutilados de homens loiros. Trêmulos. Arquejantes. Ensanguentados. Crianças grandes perdidas nas estradas. Noutra visão: Parecem troncos de árvores decepadas. Procurando os galhos. Buscando os frutos. Chorando, amargamente, as suas flores. Flores pisadas no caminho longo de tão longa história. Flores nascidas do tormento humano. Perdidas no pó das sepulturas rasas. Flores pálidas e desfiguradas. Desabrochando. Na saudade daqueles que ficaram...

Depois, foram os moços do Brasil que deixaram os seus corpos esboçados, no cemitério de Pistola. E as lágrimas das mulheres, das mães asiáticas, europeias, americanas, misturaram-se na guerra, molhando a face ensanguentada do mundo.

Por que morreram seus filhos? Por que deram a vida aos companheiros? O fascismo fustigava o corpo das terras e o corpo dos homens. As mulheres deram seus filhos pela felicidade que havia de vir, pela justiça que havia de presidir o destino da geração presente e das gerações futuras. Hoje, aquela sacrifício heróico, que permitiu a derrota militar do fascismo, reflete-se nos corações e na consciência de todas as mulheres. As mu-

heres brasileiras afirmaram isso, quando na mesa redonda presidida pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, pediram escolas, hospitais, água, creches e paz. Mesmo a representante do Morro da Favela, que comoveu a assistência com histórias de crianças dormindo ao relento, pediu, em nome de suas companheiras, paz para o Brasil, paz para o mundo. A paz não foi esquecida, mesmo pelas mulheres que vivem em tão miseráveis condições!

As mulheres não permitirão que os senhores dos dólares, os senhores do poder, escravizem, explorem, encarcerem, perseguindo, levando nas mãos ameaçadoras, a bandeira da traição, a ban-

CRECHES PARA NOSSAS CRIANÇAS

Projeto 1.155 De 1947, Apresentado Pelo Deputado Gregório Bezerra à Câmara Federal — Cachorros De Luxo e Crianças — Mães Solteiras — O Discurso Histórico Que a "Maioria" Não Ouviu Porque Estava Cansada De "Cassar" — O Projeto — O Que Acha Você? — O Que Se Deve Fazer — Como Concretizar e Fazer Com Que a Câmara Federal Aprove o Projeto

Reportagem de LÉA

Depois da "cassação", a Câmara dos Deputados ficou quase que vazia. Os deputados da maioria foram descansar em suas fazendas e casas luxuosas, depois do esforço tremendo que fizeram para esbulhar o povo de um de seus mais legítimos direitos: o direito de voto. Consumada a tarefa, retiraram-se para descansar. Poucos compareceram. Mas os verdadeiros deputados do povo, lá estavam, firmes, serenos, defendendo até o último momento na Câmara, os interesses do povo explorado e esmagado pelos reacionários.

Discutia-se "molemente" o projeto que reorganiza o Departamento Nacional da Criança. Era um assunto importante. Tratava-se de proteger a nossa infância, infância miserável, esfomeada, e, como disse o deputado Gregório Bezerra "crianças que sofrem fome ainda no ventre materno. Nasceram famintas, criam-se famintas e morrem tuberculosas pela fome".

O Deputado Gregório Bezerra foi à Tribuna para dar a sua opinião e num memorável discurso apresentou um projeto que tomou o número 1.155. Guardem esse número leitosos. Projeto 1.155 e não o esqueçam facilmente. É um projeto que todas as mulheres deverão defender com toda a sua capacidade de luta. É um projeto que visa proteger realmente a criança e as mães brasileiras. PROJETO 1.155 de 1947 que determina a instalação de creches e berçários destinados à assistência das mães trabalhadoras.

CACHORROS DE LUXO E CRIANÇAS

Fazendo considerações sobre a miserável condição do povo no Brasil e principalmente sobre as crianças, disse o deputado Gregório Bezerra entre outras coisas:

Ha poucos meses, na Lagoa Rodrigo de Freitas, se verificava um quadro maravilhoso, a exposição canina. Mais de 200 cães de luxo desfilaram por um tapete de veludo. Esses animais não podiam ser chamados de "cachorros". Cada um tinha o seu nome fidalgo. Eram cachorros que tomavam 2 litros de leite por dia, que comiam 2 quilos de carne sem osso, que tomavam banho de sol e de raio ultravioleta, passeavam de carro e de avião. Mas a 150 metros de distância da Lagoa Rodrigo de Freitas, havia uma favela com mais de 5.000 pessoas e com mais de 2.000 crianças descalças atoladas na lama. Vejam bem os nobres deputados — os cachorros desfilavam em tapetes de luxo, as crianças desfilavam dentro do lamaçal, das fezes e do lixo".

Esta é a situação atual de nossa terra, onde se dá mais atenção aos cachorros de luxo do que às crianças. Em palavras incisivas, duras e cheias de realismo, o deputado Gregório Bezerra expôs toda a situação dessas miseráveis crianças da favela, que, mesmo assim, ainda correm o perigo de ficar sem este mesmo lamaçal e o seu pobre teto, porque o prefeito quer embelezar a cidade e está derrubando os lares desses desprotegidos.

MÃES SOLTEIRAS

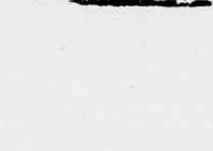
Também o grave problema das mães solteiras, desprotegidas, desamparadas, mães perseguidas por esta falsa moral, mães que muitas vezes são renegadas por seus próprios pais, foi levantado com toda a coragem e moral, pelo deputado Gregório Bezerra, em seu memorável discurso.

"Muitas vezes as mães pobres — disse o deputado Gregório Bezerra — por falta de dinheiro, não podendo recorrer ao médico para encobrir a sua deshonra, provocam o aborto criminoso que, na maioria dos casos, as leva a sepultura. Outras, envergonhadas, recorrem ao infanticídio, sem recursos, desprezadas pelos pais, pela sociedade e pelo Estado".

E continuando o seu discurso mostra como a mãe solteira, a empregada doméstica cujos patrões não as aceitam com meninos pequenos, ficam reduzidas à miséria e à fome.

"Fato desta natureza constituiu objeto de uma nota publicada no "Jornal do Brasil", mais ou menos nos seguintes termos: "Oferecem-se duas crianças, de 6 e 9 anos, a quem interessar possa".

Estas mães solteiras, estes filhos que não podem receber educação, para não falarmos em alimentação, formam contingentes de viciados, doentes e maltrapilhos. Enquanto isso a tuberculose ajuda a tarefa do governo, ceifando milhares de vidas. O contingente da mortalidade infantil nem mais é publicado pelos órgãos do governo.



O PROJETO

Por duas vezes o plenário autorizou a prorrogação de tempo a fim de que esse filho do povo que é Gregório Bezerra pudesse terminar as suas considerações, pudesse mostrar à Câmara o que viu de perto, o que conhece e o que deseja melhorar. Terminando as suas considerações apresentou o seguinte projeto:

PROJETO 1.155 DE 1947

Determina a instalação de creches e berçários destinados a assistência da mãe trabalhadora.

O CONGRESSO NACIONAL DECRETA:

Art. 1.º — Serão instaladas, em todo o território Nacional, sob a direção do Departamento Nacional da Criança, do Ministério de Educação e Saúde, creches e berçários destinados a prestar assistência aos filhos das mulheres que exerçam atividades remuneradas fora do lar, nas condições previstas nesta lei.

Art. 2.º — As creches e berçários terão, no mínimo, 50 leitos e serão distribuídas em todos os bairros ou distritos comerciais e industriais, em cujas áreas se concentrem mais de 1.000 mulheres assalariadas, devendo sua localização atender as necessidades mais urgentes da população beneficiada dos respectivos centros de trabalho, de acordo com os dados colhidos nos termos do artigo 4.º.

Art. 3.º — Nos estabelecimentos industriais e comerciais em que trabalhem mais de 100 mulheres, deverá o D.N.C. manter uma creche em colaboração com a empresa proprietária, desde que, no inquerito efetuado nos termos do art. 4.º se prove a existência de, pelo menos, 10 gestantes.

Art. 4.º — O Departamento Nacional do Trabalho, através a Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho, efetuará no prazo de 180 dias, um inquerito entre as instituições de previdência social, com as seguintes finalidades:

a) verificar o número de mulheres com a idade de 16 a 50 anos, com a respectiva distribuição geográfica, de moradia, local de trabalho, número de filhos, salários e demais condições de trabalho e de vida;

b) estudar as condições mínimas para a assistência a maternidade e infância às mulheres que exercem atividades remuneradas fora do lar, através da criação de creches e berçários, nos locais de trabalho ou no distrito de localização das empresas.

c) conhecer os aspectos sociais e econômicos das necessidades da mulher trabalhadora para orientação dos planos de assistência;

Parágrafo único — Completado o inquerito, será este encaminhado ao Departamento Nacional da Criança que organizará o plano de realizações previsto no art. 1.º desta lei.

Art. 5.º — Farão jus aos benefícios desta lei, em condições de igualdade:

a) as mulheres contribuintes de quaisquer instituições de Previdência;

b) as empregadas domésticas que o recorrerem nos respectivos distritos de moradia ou emprego.

Art. 6.º — Todos os serviços prestados nas creches e berçários, instalados nas condições desta lei, serão inteiramente gratuitos.

Art. 7.º — Para as inscrições às vagas existentes, em cada creche, será apenas exigida prova ou declaração de maternidade.

Parágrafo único — No caso de declaração, somente terá validade quando feita pelo próprio.

Art. 8.º — Aplica-se ao disposto nesta lei às normas da legislação vigente relativas à cooperação do Departamento Nacional da Criança com os Estados e Municípios.

Art. 9.º — Para atender à despesa com a execução da presente lei, fica o Poder Executivo autorizado a abrir, no corrente exercício, à conta do Ministério de Educação e Saúde o crédito especial de 50.000.000 de cruzeiros.

Art. 10 — Revogam-se as disposições em contrário. Vala das Sessões, em 7 de janeiro de 1948.

Gregório Bezerra
Abílio Fernandes
Alcedo Coutinho
Gervasio Azevedo
Henrique Oest
Lino Machado
José Maria Crispim.

QUE ACHA VOCÊ?

No próximo número daremos aqui algumas opiniões de mulheres de diversos setores sobre o projeto que acabamos de transcrever. Mas leitora amiga, estas páginas estão a sua disposição. Mande a sua opinião sobre esse importante projeto que vis aprometer a nossa infância e as mães brasileiras.

Você tem toda a liberdade de dizer o que pensa. Escreva em sua própria linguagem, diga o que sente. E não se esqueça de que a aprovação deste projeto depende em grande parte da luta organizada das mulheres para conseguí-lo.

O QUE SE DEVE FAZER

Devemos divulgar o mais possível este importante projeto. Passe esse jornal adiante. Mostre às suas amigas e vizinhas. Leve este jornal para a sua União ou organização e proponha que se forme uma comissão a fim de ir a Câmara, pleitear a aprovação do projeto 1.155, a fim de que seus filhos possam ter um lugar onde fiquem em inteira confiança enquanto você trabalha. E não descanse enquanto o projeto 1.155 não for aprovado.

COZINHA

BACALHAU ASSADO

Cozinhe o bacalhau e depois desfaça o pedaço em lascas grandes. Faça um creme à parte com farinha, leite, um pouco de manteiga fresca e ligue com três gemas de ovos e um dente de alho socado. Ponha as lascas de bacalhau no creme em vasilha que vá ao forno e enfeite o prato pintando com gema de ovo, pão ralado e farinha de rosca.

Sirva o prato quando estiver corado.

BOLO NEGRO

Ingredientes: 1/2 quilo de açúcar; 1/2 quilo de farinha de trigo; 125 gramas de manteiga; 2 colheres de chá de bicarbonato; 2 colheres de chá de canela; 4 decilitros de leite e 6 ovos inteiros.

Bate-se tudo muito bem e delta-se numa forma untada com manteiga para ir ao forno.

A forma deve ser alta e o bolo deve ser cortado em quadrados e servido com canela e açúcar.

PEQUENO HISTÓRICO

O mundo inteiro pôde apreciar ultimamente, nos salões dos grandes costureiros de Paris, o desfile de lindas mulheres de andar gracioso e hierático: são os manequins vivos de Paris.

Cada verão e cada inverno, vo tam essas encantadoras coortes de jovens esbeltas e ondulosas, já pertencentes a uma dinastia que muito breve completará um século de existência, a dos manequins, cujos ritos preciosos marcam o cerimonial de uma coleção de gestos e de jogos de fisionomia, sempre renovados.

Foi por volta de 1858, que apareceu o primeiro manequim vivo, apresentado por Charles Frédérique Worth, na corte de Napoleão III. Os modelos do grande costureiro, eram então exibidos por sua própria esposa. Pouco depois, Ber, Redfern, o exemplo. Nesta época, o madoucet e Paquin, seguiam-lhe nequim aparecia num palco, descia em seguida uma escada, vindo então desfilat por entre os clientes da casa, com ar de uma mulher da sociedade.

de quando recebe seus amigos. Atualmente a apresentação do manequim se adotou a rapidez dos tempos modernos; ele aparece, dá uma reviravolta, e desaparece num abrir e fechar de olhos.

Depois de Worth, foi Poiret quem teve maior sucesso com seus manequins, procurando dar-lhes personalidade. Foi ele quem moldou a célebre André, a qual comparava a um pavão. Foi ainda quem organizou, através das grandes capitais do mundo, o desfile de nove manequins tão deslumbrantes quanto as musas, que vestiam um uniforme trazendo suas iniciais. Irradiavam beleza, trajando as toilettes que lhes confeccionava o grande costureiro, para as inesquecíveis festas que oferecia em seu hotel do Faubourg Saint-Honoré, no Balie dos Papagaios e na Quermesse de Versalhes, reconstituída no pavilhão Butard. Foi também por esta época que Jean Patou, solicitou o concurso das mais lindas girls do "Ziegfield", para apresentação de uma de suas coleções.



Vestidinhos para os seus filhos. O calor deve encontrar nossas crianças com roupas leves e amplas, bem à vontade. Nossos modelos são para linho, voile, fazendas leves e cores claras

Vestidos De Querosene e Sal!

PARIS — (S. P. I.) — Um dos diretores de uma companhia petroleira anuncia que serão postos à venda, vestidos sintéticos feitos de soja, penas de galinha querosene, carvão, água e sal!

Um desses novos "ersatz" se

chama "syton" e permitirá fazer meias absolutamente resistentes.

Essas novas fazendas resistem à água, ao sabão, ao álcool, à tinta, e para limpá-las basta "estregá-las com um pano úmido."

LIÇÃO DE COSTURA



NOSSAS AMIGAS

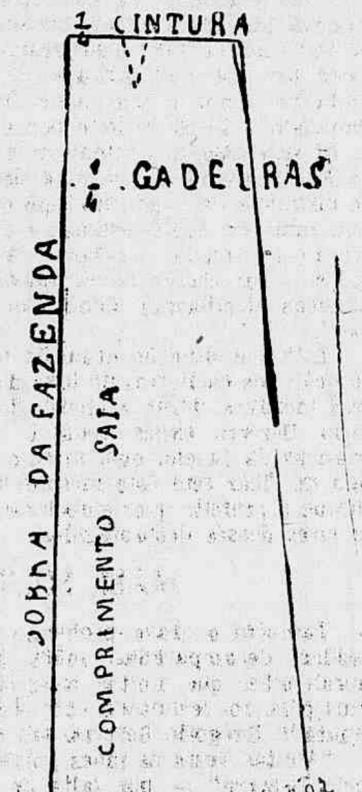
LOURDES SOUSA

A Escola do Povo ante-se deveras agradecida pela compreensão e a colaboração que MOMENTO FEMININO lhe vem dispensando, seja divulgando a última festa que realizou, que obteve grande êxito, seja, agora, com o convite para um maior intercâmbio entre a nossa Escola e esse necessário jornal, que já se tornou o órgão mais representativo da mulher brasileira.

E' como aluna e Conselheira da Escola do Povo que me dirijo às leitoras do jornal, aproveitando a oportunidade para lhes falar sobre as finalidades e as realizações de nossa Escola. A E.P. foi fundada com o objetivo de participar do esforço de elevação do nível cultural de nosso povo, para abrir mais uma frente de luta contra o analfabetismo, na convicção de que democracia com 70% de analfabetos é democracia a 30%. A nossa escola conta, já em funcionamento há mais de um ano, com vários cursos como por exemplo, Art. 91, Taquigrafia, Francês, Inglês, Desenho de Arquitetura, Desenho de Máquinas, Tecnia e Solfejo, Cópia de Música e outros. Quero ressaltar um curso — o de Corte e Costura — de grande interesse para a mulher e que foi realizado durante o ano passado com regular sucesso, devendo no próximo sábado ser iniciada uma nova turma.

Na nossa Escola procuramos criar um ambiente de solidariedade e convivência entre alunos professores e administradores, todos igualmente responsáveis pela permanência e sucesso do nosso empreendimento cultural. E entre outras iniciativas que essa nossa diretriz, realiza, está o Clube de Alunos, que mantém atividades culturais e recreativas e pensa, futuramente, exercer atividades de assistência social e médica.

Terminando, afirmo que a Escola do Povo, aceitando o convite de MOMENTO FEMININO, voltará às colunas do jornal e procurará estreitar os laços de uma sólida união já existente, trabalhando para a conquista de um Brasil mais civilizado.



Amigos, a nossa lição de hoje é bem fácil: uma saia simples. Dobre o tecido e corte de acordo com a figura. Sem esquecer das medidas. Veja com o comprimento da saia — o calor está aí e as dificuldades de vida também. Corre-se melhor com a saia curta. O bonde de pé ou o ônibus — é saia raspada na cara. As flas, e tantas dificuldades! Vamos resistir à saia comprida?

GELÉIAS LOUISE ALDERSON

As melhores geléias, feitas de frutas frescas



Bom alimento para as crianças — saboroso e nutritivo presente para as pessoas enfermas

A VENDA EM TODAS AS CONFEITARIAS E ARMAZENS DE 1.º ORDEM

Fábrica: — RUA EMILIA SAMPAIO, 92

Telefone: 38-3030 — Rio

PROBLEMAS DAQUI E DO MUNDO

DEZ MIL MULATINHOS

Vale a pena comentar esta notícia: existem em Londres cerca de 10 mil crianças de cor, filhas de soldados negros americanos com mulheres inglesas. O Exército Americano se recusava a atender reclamações de paternidade quando soldados negros estavam envolvidos daí a impossibilidade das mães e filhos casarem e seguir para a terra do pai e marido.

Na Inglaterra, o preconceito racial não é, como nos Estados Unidos, uma doença política-social mas naturalmente a família das mães não viu com bons olhos o "escândalo". E aí estão os meninosinhos a cargo de instituições de caridades e de asilos sem país e sem pátria, criando um problema, segundo os telegramas.

Tudo isso porque os americanos poderosos alimentam o ódio racial; tudo isso porque as crianças são sempre as maiores vítimas das guerras, do fascismo e dos regimes antidemocráticos.

A Polícia Mete Medo Sempre

Um jornal noticiou isto: Na tarde de ontem, quando um socorro da Rádio-Patrolha realizava uma diligência no sentido de prender indivíduos que se entregavam no chamado "jogo de bicho" teve lugar dolorosa ocorrência. Uma senhora, próximo do local onde aquela diligência era efetuada, atemorizada com o que sucedia, começou a sentir-se mal, e conduzida para o Hospital de Pronto Socorro, momentos depois falecia vítima de um edema agudo de pulmão. Trata-se da coreteira Ruth Ferreira, branca com 48 anos, vivia, residente à rua Conde de Bonfim n.º 1.283.

O corpo da desventurada coreteira foi removido para o necrotério do Instituto Médico Legal.

As Mulheres e a Solidariedade

Nesses dias mais de que nunca, devemos compreender, utilizando no verdadeiro sentido, a palavra solidariedade, que é uma forma muito humana de luta, contra a violação aos direitos das mulheres.

O fascismo está assassinando, perseguindo, pregando a guerra, intervindo no mundo inteiro, através dos dólares e da emissão dos vende-pátrias. Os telegramas da Espanha, trazem, sempre, a notícia dos últimos assassinatos frios de mulheres, que desejam justiça, paz e liberdade, inclusive a beneplácito de nosso governo, que alimenta com a mercadoria que o povo não pode comprar, o animalístico corpo de Franco.

E agora, já não sentimos, somente, a ameaça de além-mar. Em nossa Pátria as mulheres que o povo elegeu foram arrancadas do Parlamento. Multipliquem-se as prisões, os espancamentos, as violações aos direitos garantidos pela Constituição de 18 de setembro de 1946. Em Pernambuco, o próprio chefe de polícia declara as monstruosidades cometidas contra a pessoa de Adalgisa Cavalcante. Da resistência a essas medidas de terror resultará a nossa segurança, a segurança de nossos lares. Não devemos permitir que fatos dessa natureza aconteçam sem o nosso protesto, sem a resposta de nossa união contra o arbitrio e a ditadura. Protemos nossa solidariedade às vítimas da sanha policial, através de comissões, de visitas, de ajuda moral e material. Qualquer atentado contra os direitos das mulheres e do povo, em geral, deve encontrar a barreira de nossa solidariedade. Comissões devem organizar-se para visitas e ajuda aos bairros atingidos por medidas de terror, unindo cada vez mais as mulheres, no verdadeiro sentido da palavra solidariedade, que será uma das forças vivas no combate ao fascismo no Brasil e no mundo, através da paz e da independência das nações.

Sobre o Trabalho de Mulheres

O jornalista e economista Afrânio Melo publicou um estudo num Suplemento dominical, de alhago sobre a remuneração do trabalho no Brasil e a utilização do braço feminino, pelo censo de 1940. Dêsse artigo, retiramos os seguintes dados:

Em 1940 dos 14.029.439 habitantes de 10 anos e mais ocupados em atividades extra-domésticas 78,77 % são remunerados e 1,62 % não são remunerados.

Dos 2.749.519 habitantes indiretamente remunerados 2.624.077 ocupavam-se na lavoura e criação de gado.

No que diz respeito às mulheres 58,76 % são diretamente remuneradas, 36,34 % indiretamente remuneradas e 4,90 % não são remuneradas.

Vale a pena ler o final desse artigo do sr. Afrânio Melo:

"Em face dessa circunstância, uma conclusão se impõe — a utilização proporcionalmente elevada do braço feminino em atividades econômicas, sem a devida correspondência quanto à remuneração condigna. Esta conclusão nos leva a apontar o a razão da organização da atividade econômica no Brasil, pois disso constitui índice expressivo o fato de 41,24 por cento das mulheres ocupadas fora do lar serem remuneradas indiretamente e apenas de 17,43 por cento.

REMUNERAÇÃO DIRETA E INDIRETA

Em todos os ramos de atividades extra-domésticas, a quota dos indiretamente remunerados é menor entre os homens do que entre as mulheres. Nas atividades agro-pecuárias, por exemplo, a quota dos homens é de 22,80 por cento, enquanto a das mulheres é de 59,68 por cento. Nas indústrias extrativas, os homens constituem 8,44 por cento, e as mulheres 31,78 por cento. Nas profissões liberais, ao tempo em que os homens indiretamente remunerados são apenas 1,86 por cento, as mulheres vão a 7,42 por cento. Para as mulheres a quota das indiretamente remuneradas excede 5 por cento também nos ramos das indústrias de transformação e do comércio de mercadorias.

Em quase todos os ramos de atividades extra-domésticas, a quota dos não remunerados é mais elevada no sexo feminino do que no masculino. E essa desigualdade de tratamento entre os dois sexos se manifesta até mesmo ao examinar as atividades domésticas, que, no Brasil constituem como que a atribuição fundamental da mulher. Nelas, nas atividades domésticas, comumente não remuneradas, 7,61 por cento dos homens que as exercem recebem remuneração, enquanto tão somente 4,62 por cento das mulheres que as exercem têm tratamento semelhante.

Um exame em conjunto nos dados do censo demográfico de 1940, aqui referidos, permite

verificar que nas atividades extra-domésticas quase 3 milhões de pessoas, sobre um total um pouco superior a 14 milhões, trabalham com remuneração indireta ou sem remuneração o que mais de dois terços elaboradores de empresas familiares são do sexo masculino, e menos de um terço, do feminino permite verificar, do mesmo modo, que, em parte preponderante, as pessoas que trabalham com remuneração indireta ou sem remuneração estão ocupadas em atividades agro-pecuárias e que nas atividades domésticas a forma preponderante é de ocupação não remunerada, correspondendo às pessoas que se dedicam aos cuidados do lar.

POR QUE ESPANTO?

Um telegrama diz assim:

FILADELPHIA, 9 (R.) — Está havendo muita preocupação nos Estados Unidos, em vista do número cada vez mais elevado de casamentos entre cidadãos norte-americanos e moças estrangeiras.

"Por que se nota entre nossa rapaziada esse desejo ardente de casamento com jovens estrangeiros, justamente quando há aqui excesso de moças casadoras, e o país marcha para a formação de legiões de solteiras? Que é que há com as garotas do Tio Sam?" — pergunta em carta do "Philadelphia Daily News" um correspondente, comentando a seguir: "Será que as moças norte-americanas perderam o 'it'?" E o que é que têm as estrangeiras que falta às nossas moças? Será que são mais femininas mais afetuosas e amigáveis? Será que são mais naturais e menos modernizadas do que as norte-americanas, daí que as norte-americanas, daí que a fonte de atração? Deve haver algum motivo para que até os generais de nosso exército se casem com estrangeiras. Ou seriam as garotas norte-americanas demasiado sofisticadas, cópias fiéis do Hollywood?"

"Segundo todos os indícios, se uns poucos milhões de moças estrangeiras viessem para este país, dentro de seis meses estariam todas casadas. Será que elas têm algum perfume secreto? Têm algum dom amoroso especial? Por certo conhecerão algum segredo no jogo amoroso".

Oh! doce ingenuidade! Se os americanos estão casando demais com moças estrangeiras é apenas porque o exército dos Estados Unidos continua ocupando vários países.

Se Truman e seu grupo fizesse o Exército americano voltar para casa, naturalmente terminaria com as solteiras e, o que é melhor faria mais felizes os países ainda ocupados.

FALA MARITAIN, O LEADER CATÓLICO

PARIS (S.F.I.) — Numa entrevista concedida pelo sr. Jacques Maritain ao COMBAT, de Paris, o ilustre escritor católico, que foi chefe da delegação francesa da UNESO à Conferência do México, declara: "Considero a paz possível com a condição de que haja,

em vez de medo, uma vontade construtiva. Os jovens não querem o suicídio coletivo. Acredito que a França se pode consagrar, realmente, afastar as ameaças da paz, dando a sua voz a esse desejo ardente dos povos e fazendo um pélo à consciência humana, que deve estar desperta.

O Futuro Das Mulheres De Cór

PARIS (S.F.I.) — A União Francesa está muito bem representada no Conselho da República. Uma de suas melhores representantes é a senhora Jane Vialle.

Esta jovem e bela senhora natural do Oubangui-Charli, na

África Equatorial Francesa, criou-se na França mas viveu durante muito tempo no Congo Médio. Quando rebentou a guerra, encontrava-se na França, sendo então atingida pelas medidas raciais alemãs que culminaram com o seu internamento em campos de concentração.

Depois da Libertação, ocupou-se dos prisioneiros coloniais reencontrando logo após suas atividades jornalísticas a ser eleita, pelo Oubangui-Charli, a senhora Vialle, Conselheira da República. Presentemente, a senhora

Vialle dedica-se inteiramente às suas novas funções, fazendo todo o possível para melhorar a sorte das mulheres de seu país, o que não é pouco trabalho pois, como afirmou, tudo o que diz respeito a mulher negra anda e é no domínio dos projetos.

CARESTIA

problema das mulheres



O CASO DA FARINHA DE TRIGO

Movimentou-se a C.C.P. em torno da distribuição da farinha de trigo argentina e americana, para o próximo mês de fevereiro. Como sempre, promove reuniões. Mas temos um pequeno fato sobre a farinha de trigo americana, da qual depende o nosso caro, pequeno e misturado pão de cada dia. Fato que atinge a proporções de crime contra as donas de casa. O Governo, em 1947, comprou 300 mil sacos de farinha de trigo a uma firma americana, a Overseas Trading Corporation, que, por não ter licença de exportação, apenas embolsou a importância de 25 a 30 milhões de cruzeiros, saídos dos cofres públicos, enquanto a farinha apodreou naquele país. O pão é racionado, encarece, e a farinha de trigo comprada com o dinheiro do povo apodrece na América do Norte. Um conto de vigário bem aplicado, uma manobra criminosa contra o país e o estômago do povo. Depois, diga por aí, a C.C.P., que os donos de padaria querem fazer greve. Greve, porque não se faz pão sem farinha. Não faltará, porém, essa farinha, quando a reforma agrária permitir que se faça o cultivo do trigo, nos campos do sul. E é essa a história: 25 a 30 milhões de cruzeiros arrancados da miséria de nosso povo, menos pão e mais caro, para as mulheres que mal sabem o que fazer com os seus pequenos salários e os pequenos salários dos companheiros.

QUE SÊDE

Todos os anos quando se aproxima o Carnaval a cerveja, o chopp, as bebidas mais baratas e portanto as mais "bebíveis", desaparecem... Coincide que o Carnaval e o calor andam sempre de mãos dadas. Resultado: nada pra se beber. Água mesmo não há e isso há muito tempo... Coca-cola não é para todos os paladares. Há quem não goste, depois os anti-imperialistas têm sempre uma frase contra essa intragável bebida. Então? Como vai ser neste Carnaval? Facilmente, tudo no Brasil atual acontece com uma simplicidade "encantadora": vai ressurgir o chopp a cerveja, mas com preços bem mais altos. Um jornal exclamava: Teremos um carnaval de cachaça! Os "tubarões" tão bonzinhos não permitirão, a bem da moral, que se beba uma coisa tão "antifamiliar". Vai haver tudo, mas a que preço?



CAI POR TERRA A DEMAGOGIA DA BANHA

O caso é esse. O povo vê e analisa que os benefícios aos consumidores vêm e passam logo. Olhem o caso da banha. Subiu novamente de preço, mal se pôde sentir a sua baixa. Que houve? decréscimo da produção. Houve redução de entrada do produto no mercado e, consequentemente, com a falta, a primeira coisa que se faz é elevar o preço.

Alegam também que com o calor há muita quebra da gordura e têm de pagar armazenagem nos frigoríficos. Por isso tiram a despesa das costas do povo, além dos lucros anormais do preço da venda.

O povo precisa ter cuidado, porque esse caso da banha é sério, tão sério que ainda não pôde ser dado também como presente de aniversário...

AS MAOS DOS PINGENTES CAÍJAM E A LIGHT SE REFEZELA

Essa manobra da Light é mais uma vergonha do ano. Quer aumentar o preço das passagens e já deu o primeiro bote. Agora as coisas devem ser mais legais e o Prefeito deve consentir. Foi feito o requerimento. E a resposta bonita surgiu.

Dentro de poucos dias os bondes receberão uma pince-lada de tinta e ficam novinhos. Com isso tudo se resolve e o preço das passagens aumenta, saia dinheiro de onde sair. E' o cúmulo. Onde estamos? Uma empresa imperialista que vive sugando a vida de nosso povo, que não tem mais como explorar, é só exigir e logo se cede.

Como se fossem poucos os lucros que rouba da miséria de nosso povo quer mais ainda e vai tirar do tostão dos operários, que têm de vir como pingentes, com as mãos já calosas de horas e horas rolando nas hastas dos estribos. Isso é uma miséria, sob nossos mais enérgicos protestos.

Apelo Da F.D.I.M. As Mulheres Do Brasil

TRECHO DE UMA CIRCULAR

Que todos os corações se abram para salvar a vida dos espanhóis.

125.000 republicanos espanhóis, entre eles 20.000 mulheres se acham atualmente nas prisões franquistas. Temos que salvá-los.

Apelamos a todas as vossas forças e iniciativas para fazer chegar às Embaixadas dos Estados Unidos e Inglaterra em vosso país milhares de cartas e telegramas expressando o protesto de todos os democratas.

Tratad de coordenar vossos esforços com os sindicatos, organizações juvenis, associações de juristas, com todas as forças democráticas, enfim, para que a campanha no mundo inteiro tenha a mais alta ressonância e que os 125.000 patriotas encarcerados e torturados nos calabouços franquistas ouçam a voz dos milhões de democratas que sabem que sua luta também é a deles.

20.000 mulheres esperam que as salvemos com nossa ação.

MARYSE BASTIE'

foi comovente a solenidade que se desenrolou na semana finda em Issy les Molineaux quando a capitã Maryse Bastie



tié recebeu das mãos do titular do Ministério da Aeronáutica da França a gravata de Comendadora da Legião de Honra.

A célebre aviadora é a terceira mulher que recebeu essa alta distinção e a primeira contemplada em caracter militar.

Maryse Bastie obteve seu brevet de piloto em 1925. Quatro anos depois conseguiu o record feminino mundial de vôo em circuito fechado com

27 horas. Elevou-o a 37 hs.55 em 1930.

Em 31. atingia o "record" mundial feminino de distância com perto de 3.000 quilômetros. Mas seu feito mais notável foi a travessia em 1936 do Atlântico Sul que venceu sózinha em 11hs.55.

Durante o período de ocupação Maryse Bastie continuou a servir à França e logo a partir de 1940 foi integrante da rede clandestina "Darius".

Desempenhou assim inúmeras missões arriscadas na região parisiense e na Normandia.

Quando da Libertação, Maryse Bastie que esteve recentemente no Brasil, foi incorporada a Aviação Militar, contando atualmente 3.000 horas de vôo.

ROMANCE DA COLABORAÇÃO

PARIS (S.I.F.) — "Les Forêts de la Nuit" foi, como se sabe, o romance que valeu a Jean-Louis Curtis conquistar aos 30 anos de idade o "Prêmio Goncourt, uma das mais altas honras das letras francesas. Referindo-se à obra do jovem, mas já célebre escritor, escreve em LE COMBAT o crítico Maurice Nadeau:

"Jean Louis Curtis não quis desta vez escrever o romance da Resistência, mas sim o da colaboração... Dá-nos simples, mas poderosas revelações de almas e de caracteres... Suas personagens são dominadas por uma espécie de fatalidade interna, e provam que no seio de uma humanidade gregária existem seres, realmente, excepcionais".

INTERESSANTE EXPERIÊNCIA

A Sra. Agnès Masson, diretora do Hospital Psiquiátrico de Chalons está realizando interessantíssima experiência. A senhora Agnès Masson é a mais jovem das alienistas francesas encarregadas da direção de um hospício. Os internos adoram-na. Revolucionou ela os métodos para o tratamento dos alienados. Terminou com as camisas de força, os calabouços e o uniforme. Esses meios antiquados são substituídos pelo baile, o teatro, o cinema.

A administração inteirou-se com a surpresa natural de que ela fazia os loucos dançar e cogitou de destituí-la, mas a Sra. Agnès já havia sido "adotada" por seus enfermos. Por isso conservou-se no seu posto. Aplica ela a seus pensionistas um regime de semi-liberdade, que facilita sua readaptação à vida normal.

Os resultados obtidos são surpreendentes, pois a quantidade de detentos diminui sensivelmente. Um período muito curto basta para devolver-lhes o equilíbrio mental. Isso verifica-se, sobretudo, com os adultos. No que concerne às crianças e velhos, a cura é menos rápida, mas alguns deles, fazem tais progressos que podem sair à vontade para fazer compras no centro da cidade de Chalons. Sempre voltam, pois consideram o hospital como seu lar. Naturalmente a Sra. Agnès Masson não se encontra inteiramente satisfeita; deseja fazer de seu hospital um modelo no gênero; mas faltam-lhe 15 milhões para renovar a decoração da casa!

Faça de MOMENTO FEMININO o seu jornal.



Os Deveres Da Mulher Casada

NICE FIGUEIREDO

Deveres, direitos e restrições são as consequências imediatas do casamento, quer para os homens como para as mulheres. A diferença reside em que, praticamente, os homens tinham mais deveres logo, mais direito e menos restrições.

Que deveres tem uma mulher casada?

- 1) Ser fiel ao marido, assim como o marido deve ser fiel à sua mulher;
- 2) Viver com o marido na mesma casa;
- 3) Assistir o seu companheiro isto é, dar-lhe o conforto moral, cuidar da pessoa do marido, e, quando puder, e as circunstâncias o exigirem, ajudá-lo economicamente;
- 4) Sustentar, guardar e educar os filhos que tiver.

Ora, a mulher casada em princípio, tem as mesmas obrigações que o marido, pois os deveres apontados atrás são, também, deveres do marido. No entanto, tem menos direitos e numerosas são as restrições que a lei faz às atividades de uma mulher casada.

Por que? porque a reciprocidade dos deveres acima enumerados, não existia praticamente. A mulher fora compelida, por uma divisão de serviço estabelecida pelos homens e do agrado de muitas mulheres a cumprir apenas, dois dos deveres que a lei impunha: o da fidelidade e o da coabitação, incumbindo-se, somente dos trabalhos domésticos, da comida e do trato material da pessoa do marido e dos filhos. O dever que garantia à mulher a igualdade de direitos, o dever de assistência econômica efetiva, este a mulher não podia cumprir, porque as condições sociais não lhe eram favoráveis. Daí veio o recolhimento da mulher ao lar, daí veio a ignorância completa sobre as negociações econômicas e a situação financeira da família e por conseguinte a inferiorização da mulher a tal ponto que, quer queiram quer não queiram muitos comentaristas da lei, a tal ponto, que hoje ainda perdura a presunção de incapacidade da mulher para a realização do negócio, presunção disfarçada sob aspectos variados, mais definida nas restrições que a lei faz às atividades da mulher casada, e que são todas de ordem patrimonial.

A mulher casada não pode aceitar ou repudiar uma herança ou um legado sem a anuência do marido, este, no entanto, aceita ou não o que bem lhe apraz sem o consentimento da mulher pois corre em seu favor a presunção de que é suficientemente capaz de defender o patrimônio familiar.

A mulher casada, pela mesma razão, não pode aceitar a tutoria de um menor sem a prévia autorização do marido, nem tampouco, ser procuradora de terceiros ou ir a Juízo litigar, salvo pouquíssimas exceções.

Hoje, a mulher já conseguiu provar que a presunção de incapacidade que sobre ela recaía é absolutamente infundada. Grande número de mulheres cumpre, efetivamente, todos os deveres que a lei determina, participando economicamente, da vida do casal, não mais com dotes cujo montante, às vezes, desconhecia, mas com o produto do seu trabalho, intelectual ou braçal.

E o desenvolvimento cultural da mulher veio facilitar o cumprimento do importantíssimo dever que é o da guarda, educação e sustento dos filhos. O dever da mãe atual, não é mais o de apenas amamentar, lavar e vigiar os filhos, mas o de lutar ao lado do marido pela subsistência desses filhos e, sobretudo, o de desenvolver-lhes a personalidade, o caráter e a inteligência.

Praticamente, por iniciativa da própria mulher, premissa pelas condições de existência, desapareceram as diferenças de deveres entre marido e mulher. E' lógico, pois que deva desaparecer também a diferença de direitos. Não importa que o número de mãdames e mademoiselles parasitas dos maridos e dos pais seja grande. O valor de uma mulher casada que trabalha deve suprir a quantidade de mulheres desocupadas, justificando perfeitamente a modificação do texto da lei que estabelece a desigualdade de direitos e as limitações absurdas que apontaremos depois.

Quadro De Hilda Campofiorito

Os interessados na compra do quadro de Hilda Campofiorito ficam avisados que devem procurá-la depois do dia 24, em data que anunciaremos brevemente.

GRAFOLOGIA

(GILDA)

MAIA SA' — S. Paulo — Um temperamento ardente e ansioso que serve à sua tendência de lutadora intrometida e resistente. Sabe como ninguém estimular e inspirar a confiança e com essa força miraculosa poderá realizar prodígios na vida prática. No amor é uma incorrigível romântica, cheia de sentimentalismo e com um nobre sentimento de fidelidade que muito a dignifica. Sua tendência principal, todavia, é doméstica, devendo ser uma boa mãe-zinha e excelente esposa.

TEMIS — Rio de Janeiro — Uma jovem sensata e observadora, que sabe, todavia, erguer a voz energicamente quando isso se faz necessário. E' muito discreta e ponderada.

podendo pela argúncia, mais do que pela eloquência, vencer a mais feroz resistência. Metódica e ordeira, seu lar deve ser um primor de arranjo e conforto. Você tem na letra a marca da mulher que prende pela doçura do espírito e pela inteligência recatada, que não alardeia mas ilumina tudo em torno.

FLOR DE MAIO — Você é feliz. Muito feliz. No amor, na vida profissional, na sociedade de que compartilha, enfim, é uma criatura sem sobressaltos ou receios. E' também, muito calma, caprichosa, cumpridora de seus deveres e honestíssima. Não se submete a imposições, entretanto, e sua

soberania moral é uma coisa intocável, que você jamais deixará de guardar cuidadosamente. Não é ciumenta, mas reserva-se o direito de evitar as ocasiões, e faz muito bem...

FLOR DE LIS — Rio de Janeiro — Estou cansada de repetir que grafologia não é adivinhação, nem nada que se pareça com sortes ou bruxarias. E' um produto de estudos psicológicos, que tanto podem ajudar diagnósticos como definir caracteres. Qualquer pessoa pode fazer estudos grafológicos, como qualquer pessoa poderá ser médico ou advogado, desde que estude, é claro. Sua letra é a de uma jovem inteligente e curiosa, que aspira à felicidade como a bemaventurança celestial. Sem lutas, sem trabalhos, sem cansaças. E espera o seu "príncipe", toda enfeitada e risonha, certa de que a beleza basta à mulher... Ai está a característica de sua personalidade que é frívola até não poder mais. Entretanto, alguma coisa se apresenta também em sua letra que a redime dessa primeira apreciação: — você é generosa e leal. Sabe ser amiga de seus amigos e no âmbito doméstico é absolutamente "líea" com os demais. Tem tendência artística, para o teatro e para o canto também.

A LETRA REVELA A PESSOA!

Peço um retrato grafológico

Nome

Pseudônimo

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO

ADVOGADA

ARCELINA MOCHEL

Inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil sob o n.º 423

Escritório:

RUA WASHINGTON LUIZ, 32, 2.º — Tel 23-4295

vessuras, como buracos nas sebes, jogar pedras nos carneiros e matar gatos que vagassem sem dono. Tais qualidades, num rapaz inferior, não devia ser tratado com autoridade, apesar de sua adiantada sabedoria, exerciam em Tom, necessariamente, uma fascinação e nos dias de folga Maggie estava certa de ter muitos aborrecimentos por causa de Bob estar sempre com Tom.

Enfim, não havia mais esperanças.

Ele já tinha ido, e Maggie não pensava noutro consólo senão sentar-se no azevinheiro ou passear ao longo da cerca e imaginar que tudo era diferente, refazendo o seu pequeno mundo justamente como descrevia que fôsse.

A vida de Maggie era cheia de perturbações, e, desse modo, na sua fantasia é que ela encontrava o seu ópio.

Enquanto isso, Tom esquecendo-se da irmã, e do ressentimento que lhe havia deixado no coração, passava com Bob, que tinha encontrado por acaso e ia para uma grande caçada de ratos no celeiro vizinho.

Bob conhecia todos os segredos desse mister, e falava desse esporte com um entusiasmo que ninguém, não desprovido de sentimento humano ou lamentavelmente ignorante de caçadas de rato, podia imaginar. Para uma pessoa culpada de sobrenatural malvadeza, Bob não era tão feio assim. Havia alguma coisa agradável em seu nariz grosso e nos seus cabelos crespos e vermelhos. Tinha as calças sempre enroladas acima do joelho, para facilidade de correr à menor novidade. Sua virtude, supondo que êle tivesse alguma, seria inegavelmente uma "virtude em farrapos", pois na sua autoridade, os filósofos biliosos acham que todo mérito bem vestido é o mesmo que um mérito irreconhecido, talvez porque seja visto raramente.

— Eu conheço o rapaz que possui os furões, — dizia Bob numa voz rouca, de falsete, enquanto bambaleava com os olhos azues fixos no rio, como um animal anfíbio que estivesse esperando ocasião para mergulhar. — Êle mora para os lados de Kennal Yard, em St. Ogg's. E' o maior caçador de ratos, lá, isso é. Eu não serei tão cedo um caçador de ratos, nem outra coisa — ah, não serei. As toupeiras nada são, em comparação com os ratos. Você devia ter furões, os cachorros não valem nada. Porque você tem êste cachorro? — continuou Bob, apontando com ar desgostoso para Yap. — Êle não serve para pegar rato, nem nada. Sei disso muito bem, porque costume caçar ratazanas no celeiro de seu pai.

Yap, sentindo a aura desse desdém, meteu a cauda entre

as pernas e encostou-se a Tom, que sentiu pelo cão uma pequena tristeza, mas não teve coragem sobrehumana de ir contra Bob em defesa de um cachorro que fazia tão triste figura.

— Não, não, disse, Yap não é bom para esportes. Eu hei de ter bons cachorros para caçar ratos e outros bichos, quando sair da escola.

— Arranje uns furões, "seu" Tom, aconselhou Bob arrebatadamente, uns furões brancos, com os olhos cõr de rosa. Ai, cace uns ratos e ponha-os na galola com um furão, para vê-los em luta. Isto é que eu faria! E' muito mais engraçado do que ver dois rapazes brigarem, por terem comprado bolos e laranjas na feira e de repente verem as coisas desaparecerem da cesta e os bolos serem despedaçados, acrescentou Bob, como explicaçã, depis de uma pausa.

— Mas eu acho, Bob, — afirmou Tom com deliberação — que os furões são imundos e mordedores, e mordem a gente quando menos se espera.

— Então! mas esta é justamente a graça d'êles! Se um sujeito se deixa pegar pelo furão, o bicho não o larga tão cedo, ah, não larga!

Nesse momento um inesperado incidente fez os meninos pararem repentinamente em seu passeio. Era o barulho de um pequeno corpo mergulhando na água, perto dos juncos; se não fôsse um rato d'água, Bob declarou que estava pronto para afrontar as mais desagradáveis consequências.

— Yap! Yap! aqui! aqui! — gritava Tom, estalando os dedos, enquanto o pequeno focinho preto farejava na margem oposta. — Pega, bichão, pega!

Yap agitava as orelhas, franzia as sobrancelhas, mas recusava mergulhar, latindo sem obedecer à ordem que lho davam.

— Seu covarde, — gritava Tom, sentindo-se humilhado, como rapaz esportivo, de possuir um animal tão pobre de espírito.

Bob absteve-se de comentários, e passou, escolhendo o caminho no barro da borda do rio.

— Não está muito chelo agora o Floss, comentou Bob dando pontapés na água. No ano passado todos os campos ficaram cobertos de água.

— E', mas... — disse Tom, cujo espírito era propenso a fazer opposição às observações com que, na realidade, estava de acõrdo — mas antes dessa houve uma enchente ainda maior, quando o Lago Redondo foi formado. Eu sei que houve por-

que Papai falou. E os carneiros e as vacas foram todos levados, e os botes iam e vinham pelos campos cheios de água.

— Eu não me incomodava se viesse uma enchente agora. Não tenho medo da água, mais do que da terra. Eu sei nadar — e nadarei.

— Ah! mas se você não tivesse nada para comer por muito tempo? — indagou Tom, com a imaginação ativada por esse receio. — Quando eu for homem, farei um bote com uma casa de madeira em cima, como a Arca de Noé, e porei dentro todo o necessário para comer — coelhos e tudo. E assim, quando vier uma enchente, Bob, você sabe, eu nem ligo importância. E até recolherei você para dentro, se o vir nadando, — acrescentou com ares de benevolência.

— Eu não tenho medo, — disse Bob, para quem a fome não parecia tão medonha. — Eu pegaria os coelhos pela cauda, quando quisesse comê-los.

— Ai eu teria meio penny, e nós havíamos de jogar "cara ou coroa" — disse Tom, sem considerar a possibilidade de que essa brincadeira pudesse ter poucos encantos na sua idade madura. — Eu dividiria licitamente, para começar, e então nós veríamos quem ganhava.

— Pois eu tenho meio penny meu — disse Bob orgulhosamente, saindo da água e jogando seu meio penny para o ar: — Cara ou coroa?

— Coroa, respondeu Tom, repentinamente, ansioso pelo desejo de ganhar.

— Cara, — disse Bob, mostrando o dinheiro como ele queria.

— Não foi, — disse Tom alto e perentoriamente — dê-me o dinheiro, que eu ganhei.

— Não dou, gritou Bob, escondendo-o no bolso.

— Então vou fazer você ver se dá ou não.

— Você não pode me fazer nada, não pode.

— Eu sou o chefe.

— Não tenho medo de você!

— Mas vou fazer você ter medo, seu trapaceiro, — gritou Tom, segurando-o pelo pescoço e sacudindo-o.

— Vá-se embora! — disse Bob dando um pontapé em Tom.

O sangue de Tom começou a correr. Ele investiu para Bob, num salto, e derrubou-o, mas Bob segurou o rapaz e, agarrando-o como um gato, jogou-o para baixo dele.

Bateram-se valentemente até que Tom, suspendendo Bob pelos ombros, mostrou-lhe que era o chefe.

— Diga-me que vai me dar o meio penny — ordenou ele

com dificuldade, enquanto se esforçava para governar os braços de Bob.

Nesse momento Yap, que tinha corrido na frente, e voltara latindo ao ver a cena, achou a oportunidade favorável para dar uma mordida na perna de Bob não somente com impunidade, mas com honra. A dor da mordida em vez de relaxar a força com que Bob segurava Tom, deu-lhe maior tenacidade. E com um esforço maior, êle empurrou Tom de costas e ficou de novo por cima. Yap, que não teve muita vantagem antes, resolveu pregar-lhe os dentes noutra lugar. Só assim Bob, desarmado, afrouxou, largando a sua presa, e quase sufocando Yap, arremessou-o dentro do rio. Por êsse tempo, Tom já se tinha levantado. E antes que Bob refizesse o equilíbrio, depois de afogar Yap, Tom caiu sobre êle, derubando-o e ficando de joelhos, com segurança, sobre o seu tórax.

— Você vai me dar o meio penny, agora.

— Pegue-o! disse Bob com maus modos.

— Não pego. Você é que me vai dar.

Bob tirou-o do bolso e jogou longe, no chão.

Tom largou sua presa e deixou-a levantar-se.

— O meio penny esta ali. Eu não preciso de seu dinheiro, e não iria conserva-lo. Mas você quis trapacear, e eu detesto trapaceiros. Não andarei com você nunca mais.

Dizendo isso, Tom voltou para casa, não sem lamentar a perda da caçada de ratos e outros prazeres que êle iria lucrar com a companhia de Bob.

— Você pode deixar ali, se quiser! — gritou Bob atrás d'êle. Hei de enganar-lo toda vez que quiser, porque não tem graça brincar sem isso. Eu sei onde tem um ninho de pintassilgo, mas é só para mim, para você não. Você é como um peru imundo e briguento, ouviu?

Tom andava sem olhar, e Yap o acompanhava, inteiramente acalmada a sua fúria pelo banho frio.

— Vá-se embora sozinho ou com seu cachorro afogado! Eu é que não queria um cachorro assim! Não queria! — gritou Bob mais alto ainda, num último esforço para sustentar seu desafio. Mas Tom não estava disposto a voltar e a voz de Bob começou a enfraquecer:

— Não lhe dou nada, não lhe mostro mais nada e não quero mais nada de você. E aí tem sua faca de cabo de chife que você me deu. Bob jogou a faca tão longe quanto pôde, atrás de Tom, para alcançá-lo, o que não produziu efeito algum, exceto a sensação, no espirito de Bob, de que

havia um terrível vazio nos seus haveres, agora que a faca se tinha ido.

O moleque ficou narado até que Tom tivesse passado pelo portão, desaparecendo atrás da cerca. A faca não podia ficar no chão, agora, e não conseguira fazer Tom voltar. O orgulho, e ressentimento eram fracos no espírito de Bob, comparados ao amor que tinha pela arma. Seus dedos sentiam verdadeiros combates para pegarem aquele objeto familiar, feito de áspera ponta de chifre de veado, em que tantas vezes passara a mão, pelo mero prazer de vê-lo em seu bolso. E tinha duas lâminas que recentemente mandara amolar! O que seria de sua vida, sem uma faca no bolso, para ele que já a experimentara uma vez? Não: arremessar o cabo atrás do machado é um compreensível ato de desespero, mas arremessar uma faca de bolso atrás de um implacável amigo é claramente, em todo o sentido, uma hipérbole que passa da conta. Assim Bob foi até o lugar onde a querida faca jazia na lama, e sentiu um novo prazer em apoderar-se dela outra vez depois da separação temporária, abrindo uma fôlha, depois a outra, a sentir-lhe o corte com o polegar grosseiro. Pobre Bob! ele não era muito sensível aos pontos de honra — não tinha um caráter carnal. Este delicado perfume moral, apesar de às vezes perceptível, não era muito encontrado na opinião pública de Kennel Yard, onde ficava o verdadeiro foco ou coração do mundo de Bob. E por isso tudo, o rapaz não era propriamente vil e ladrão como o nosso amigo Tom tinha irrefletidamente decidido.

Tom, como sabemos, era um rapazola direito, tendo uma noção de justiça superior à que é comum num menino — da justiça que deseja punir os culpados tanto quanto são merecedores de castigo, sem ser perturbada por dúvidas a respeito da soma exata do seu merecimento.

Maggie viu uma ruga nas suas sobrancelhas quando o irmão entrou em casa e isso lhe tirou a alegria pela chegada d'ele mais cedo do que esperava. Desejava a menina, ardentemente, conversar com o irmão, que entretanto ficou silenciosamente atirando pedregulhos dentro da represa do moinho. E pensou "Não é nada agradável fazer uma caçada aos ratos, dando-se a alma em troca!..."

Se Tom contasse o seu sentimento mais forte no momento, diria: "Eu tornaria a fazer justamente o mesmo", porque êste era o seu modo habitual de rever os atos passados, enquanto Maggie estava sempre desejando ter procedido de maneira diferente.

O MOINHO A MARGEM DO FLOSS

CAPÍTULO VII

CHEGADA DAS TIAS E TIOS

Os Dodsons eram certamente de uma família elegante, e a senhora Glegg não era a menos elegante das irmãs. Sentada na cadeira de braço da senhora Tulliver, nenhum observador imparcial poderia negar que para uma mulher de 50 anos ela tinha uma aparência e um rosto bem airoso, apesar de Tom e Maggie considerarem a Tia Glegg como um tipo de felura. É verdade que ela desprezava os rigores da moda. Por princípio, como ela própria dizia, nenhuma outra mulher tinha melhores roupas. Mas não era do seu feitio usar as colzas novas antes de acabar as velhas. Outras mulheres, se quizessem, podiam ter suas rendas de linho em uso. Mas quando a senhora Gless morresse, diriam que ela possuía melhor renda guardada na gaveta do lado direito do seu guarda-roupa, do que a senhora Wooll, de St. Ogg's tinha comprado durante toda a vida, embora a senhora Wooll usasse sua renda antes de tê-la pago. Agora falemos de sua cabeça cacheada: a senhora Glegg possuía, sem dúvida, os mais lustrosos e crespos cachos castanhos em seu penteado, postos em várias camadas. Porém, aparecer num dia de recepção, olhando por baixo de uma fronte cheia de cachos lustrosos, era introduzir uma confusão desagradável como um pesadelo entre o sagrado e o secular. Ocasionalmente, a senhora Glegg usava um dos seus três penteados importantes num dia de visitas, mas não na casa das irmãs — especialmente na casa da senhora Tulliver que, desde o seu casamento, tinha magoado a grandeza dos sentimentos da família usando naturalmente o seu próprio cabelo. Porque, observava a senhora Glegg para a senhora Deane, de uma mãe de família como Bessy, com um marido frequentemente tentando demandas, podia-se esperar que fôsse mais adiantada. Mas Bessy era sempre tão boba! Assim, se a cabeleira da senhora Glegg estava mais frouxa e mais crespa do que de costume, havia um motivo para isso: é que ela fazia a mais apertada e firme elucidação às mechas de cachos louros da senhora Tulliver, separadas entre si por uma onda muito bem feita, que caía suavemente de cada lado do repartido. Muitas vezes a senhora Tulliver tinha derramado lágrimas pela grosseria da senhora Glegg que ridicularizava esse penteado de matrona sem lhe notar a beleza da naturalidade. Nesse dia a senhora Glegg resolveu usar sua touca de casa, — aquela sem laços

de fita e sem abas vistosas, naturalmente — costume que tinha quando estava de visita e acontecia estar de mau humor. Não sabia que dose de humor se devia ter nas casas alheias. Pela mesma razão ela usava uma capinha de peles, que lhe cobria somente os ombros e estava longe de se encontrar na frente, para lhe agasalhar o peito robusto. O pescoço comprido era protegido por uma gola de pregas mistas. Era necessário saber-se, pelos figurinos daquêle tempo, há quanto tempo teriam sido usados os vestidos de sêda côr de ardósia da senhora Glegg. Por certos sinaalinhos de manchas amareladas e um cheiro de môfo e de umidade próprios das roupas guardadas, é provável que tivessem pertencido a uma coleção de enfeites tão velhos que voltassem outra vez a ser usados.

A senhora Glegg segurando o seu grande relógio de ouro na mão, com a grossa corrente enrolada nos dedos, observou à senhora Tulliver que tinha voltado justamente de uma visita à cozinha, que fossem quais fossem as horas nos relógios de outras pessoas, "pelo dela era meia hora depois do meio-dia".

— Não sei o que tem a mana Pullet. — continuou ela. — Em nossa família, sempre se usou chegar a tempo. Lembro-me que era assim, no tempo do meu pobre pai. E nunca ninguém se sentou à mesa meia hora antes dos outros chegarem. Mas se os costumes da família foram alterados, a culpa não é minha. Nunca serei daquelas que chegam a uma casa depois que todo o resto das pessoas já se foram. Nunca eu admiro a mana Deane, que costuma fazer como eu. Se você quiser seguir meu conselho, Bessy — penha o jantar mais depressa um pouco, porque quem chega atrasado deve saber da hora.

A sra. Tulliver acalmou-a, no seu tom pueril e meigo:

— Oh, minha querida mana, não há perigo, chegarão todos a tempo! O almoço ficará pronto à uma e meia. Porém se é tarde para você esperar, vou buscar um bolo de queije e um cálice de vinho para enganar o seu estômago.

— Está bem, Bessy, — respondeu a mana Glegg com um sorriso e com um apenas perceptível aceno de cabeça — eu devia ter pensado que você não conhece bem sua própria irmã. Nunca, em tôda a minha vida, comi antes das refeições, e não vou comer agora pela primeira vez! Porém deo-testo a sua falta de juízo de ter o almoço pronto para uma e meia, podendo aprontá-lo para uma hora. Você nunca teve esse costume!

— Ora, Jane, que é que eu posso fazer? O senhor Tull-

ver não gosta do almoço antes das duas horas, e, hoje, eu até vou pô-lo na mesa meia hora antes, por sua causa.

— Sim, sim, eu sei como são os maridos — eles fazem tôdas as coisas sem ordem — são capazes de mandar pôr o almoço até depois do chá, se tiverem mulheres tão idiotas que se dêm a êsse trabalho. Mas é uma pena, Bessy, você não ter espírito mais forte! Ainda é bom que seus filhos não venham a sofrer porisso. Espero que você não tenha feito um grande almoço para nós — gastando com suas irmãs, que podem comer uma casca de pão sêco e não querem arruinar suas finanças com extravagâncias. Admiro que você não tenha tomado por modelo sua irmã Deane! ela compreende muito mais essas coisas. Você tem dois filhos para sustentar, e seu marido gasta a fortuna em demandas — como se gastasse consigo próprio. Bastava um caldo fervido, com que você poderia fazer uma sopa! E um simples "Pudding" com uma colher de açúcar, sem passas e especiarias, seria bastante.

Com a mana Glegg nesse humor, era um lindo programa para o dia! A senhora Tulliver nunca ia longe em suas discussões com a irmã. Fazia como um frango-d'água, que encolhe a perna de maneira súplice ao invés de brigar com um menino que lhe atira pedras. Porém êsse assunto do almoço era por demais delicado para ela, e não era absolutamente muito novo. Prorisso a senhora Tulliver pôde dar a mesma resposta que tantas vêzes já lhe havia dado:

— O senhor Tulliver diz que algumas vêzes quer oferecer um bom almoço aos amigos, enquanto pode gastar. E ele tem o direito de agir como lhe parece, em sua própria casa, mana.

— Bem Bessy, não posso deixar para os seus filhos muita coisa mais do que as minhas economias, para preservá-los da ruína. Você não fique esperando nenhum dinheiro do senhor Glegg. Porisso é muito bom que eu não morra antes apesar dêle descender de uma família de longa vida, pois se êle, ao morrer, estiver bem de finanças, terá vinculado todo o dinheiro para deixar para os seus parentes.

O barulho do carro chegando, enquanto a senhora Glegg falava, foi uma interrupção altamente benvinda para a senhora Tulliver, que se levantou para receber a mana Pullet — devia ser ela, porque o ruído era de um carro de quatro rodas.

A senhora Glegg balançou a cabeça e olhou um pouco contrariada para a entrada, com o pensamento no "carro de 4 rodas". Tinha opinião formada sobre êste assunto.

A mana Pullet estava banhada em lágrimas, quando

MAR GRANDE

(Conclusão da 3.ª pag.)

confortante na sua ternura de todos os momentos, não suplicava sequer o que ela viria a representar naquele momento decisivo de seu destino.

Bas avia fechar os olhos para vê-la em todos os seus traços. Os olhos verdes em contraste com a pele morena, o nariz levemente arrebitado, as orelhas arredadas e bem feitas, a boca sensual de lábios grossos e úmidos. Seu corpo não se saciava ainda do calor de sua carne moça. Não se cansara dos seus seios empinados, do seu ventre macio, das suas coxas firmes e nervosas, da harmonia dos seus gestos flexuosos, da curva de suas ancas robustas, em forma de anfora. Bastava-lhe a transparência mais uma vez aquela porta e desper-

tá-la, para tê-la de novo nos braços, para ser docemente envolvido pelo seu carinho, para sentir no rosto o calor de seu hábito e perceber nos seus olhos o convulso e mudo para o seu grande amor sem reservas. Depois a sua voz velada dir-lhe-ia, no momento supremo, palavras entrecortadas que ele já conhecia, mas que sempre acendiam ainda mais os desejos poderosos que estavam no seu corpo agora reconfortado e satisfeito.

Mas apesar de tudo estar como antes, alguma coisa acontecera que tornara esse sonho impossível. Seria realmente impossível? As estrelas estavam brilhando, o mar se alongava pela praia deserta e silenciosa, o farol lhe enviava, lá da ponta da Barra, a sua saudação amiga, Mariana estava tranquila e feliz e a paz estava em todas as coisas em torno.

Porque voltar? Ficando teria toda aquela vida simples e boa que aquele cantinho tranquilo do mundo lhe oferecia. Teria as longas horas de preguiça, dentro das tardes claras, olhando as velas dos saveiros correndo de leve no mar socegado, empurradas pelo sopro amigo do nordeste fresco. Teria as noites da lua cheia, com as marés grandes galgando os barancos, esbarrando terra, comendo bocados da vida num trabalho secular e permanente de conquista. Nessas noites iluminadas haveria serenatas, haveria sambas, haveria crianças esgançadas cantando roda.

(Continua no próximo número)

O "Grand Prix" do cinema francês para "Monsieur Vincent"

O "Grand Prix" do Cinema Francês foi conferido, por unanimidade, ao filme "Monsieur Vincent", realização de Maurice Cloche, sobre um argumento do grande dramaturgo francês Jean Anouilh, que escreveu também os diálogos para a obra. Pierre Fresnay, seu principal intérprete, dá-nos uma das interpretações mais excelentes da história do cinema francês.

O argumento é bem simples. Monsieur Vincent, pároco de Chantillon-les-Doubs, consagra sua vida a aliviar os sofrimentos dos pobres. Luta contra a indiferença e o egoísmo dos que nasceram privilegiados com as riquezas desta terra.

Sua tenacidade e fé dão-lhe toda uma legião de adeptos. Suas obras de caridade conquistam projeção mundial e suas obras sociais, cujos resultados ainda hoje conhecemos, propagam-se rapidamente.

O humilde pároco de Chantillon-les-Doubs foi santificado na História da Igreja com o nome de São Vicente de Paulo.



RADIO

Para a nossa crônica de rádio de hoje, vamos falar sobre Almirante, o grande Almirante, tão nosso conhecido e autor dos melhores programas radiofônicos. O que nos chamou a atenção, há poucos dias, foi uma entrevista de Almirante, num de nossos verpetinos.

O Carnaval se aproxima a passos largos e todas as estações de rádio, estão lançando os maiores sucessos. Naturalmente, sob a vigilância do Serviço de Censura de Divertimentos Públicos. Falando sobre esta grande festa do povo, diz Almirante:

"Acho que teremos um Carnaval sem vibração. E não se pode compreender que aconteça alguma coisa de diferente. Todos os grandes movimentos coletivos estão na dependência da situação econômica. Como se sabe, o Brasil atravessa a quadra difícil, com o povo sofrendo aperturas de toda a espécie. Eis porque não acredito no esplendor do próximo Carnaval".

Os ouvintes de rádio, por certo compreendem as palavras de Almirante e concordam com ele. Diversões, sim... Mas com que roupa?

Na próxima semana, vamos comentar os programas femininos existentes em nosso rádio, ouvindo a opinião das leitoras a este respeito. Aliás, esta seção está à disposição de todas vocês. Mandem suas perguntas e seus comentários aqui para a redação de "Momento Feminino".



Com o verão e a aproximação (desculpem-se, a uma horrível) do carnaval os cinemas jogam em cima da gente o que possuem de pior em filme. Os abacaxis se sucedem até nas possuíssimas salas refrigeradas. A pobre Marlene Dietrich, tão bonita (idosa? Sei lá! Mas muito bonita) surgiu na CIGANA FEITICEIRA onde só tem ela e às vezes tão artista que faz a gente lembrar o "Marrocos". Bem tempo aquele, hein Marlene!

Vimos depois "Paixão Selvagem". Meninas como é exaustivo. Por mais "fan" que se seja dos filmes de Far West, com os infalíveis tropeços de cavalos (aquêles tloc-tloc é realmente bonito...) os cowboys sem rebanho, as mocinhas dançadas de valetes, com os índios sempre e sempre tão infelizes, apesar de tudo isso o filme é cansativo, longo demais com uns cenários ruins de doer. O título em inglês é CANYON PASSAGE. Em português não há nenhuma paixão selvagem. O mocinho é mocinho mesmo, o vilão é vilão mesmo e o resto é afirmativo sempre. Se vocês estão com muito calor e forem ao Rian, por exemplo, é ótimo, refrigerado, e esse filme não vale nada. E por falar nisso leiam por favor este telegrama:

WOLLYWOOD. 21 (U.P.) — A Fox está apressando a ultimização da película anti-comunista "A Cortina de Ferro", com Dana Andrews e Gene Tierney. A pressa se explica pelo fato de que qualquer melhoria na situação internacional possa acarretar grandes prejuízos à empresa.

A filmagem de "A Cortina de Ferro" teve início pouco depois que o comite congressional Thomas iniciou os processos de "Anti-Americanismo".

Imaginem, o Dan Andrews, sujeito tão digno! Essa Gene Tierney é assim mesmo... Mas ele... Dan Andrews, você é pena, menino. Não venha falar em "contratos" etc? E o caráter? A Fox tem razão: é preciso andar depressa. As coisas mudam às vezes com uma rapidez infernal! A "melhoria" na situação, prejudicaria o servilismo da FOX Filme.

E. M.

COISAS DO CINEMA FRANCÊS

A SOBRINHA DE DUHAMEL

Uma sobrinha de Georges Duhamel é uma das grandes "voadoras" do cinema francês: Blanche Brunoy. Foi para Paris com 14 anos e entrou para o Conservatório, frequentando o curso de dança. O ator Léon Bernard, que a viria atuar numa obra de Marivaux, aconselhou-a a dedicar-se à comédia. Aos 16 anos fez sua estréia no teatro numa peça de Jean-Jacques Bernard, "Nationale". No cinema, começou por representar pequenos papéis até que se lhe ofereceu a grande oportunidade: o papel de protagonista em "Claudine à l'École", segundo o romance de Colette. Uma pequena cena com Jean Gabin em "La bête humaine", popularizou-a.

Desde então, trabalhou em

numerosos filmes, entre os quais, em "Altitude 3.200", "L'empreinte du dieu", "Le camion blanc", "Groupe Mains Rouges". Seus últimos filmes são "La taverne du poisson couronné" e "Le mannequin assassiné".

PEQUENAS NOTÍCIAS CINEMA

"Trois morts dans un dormin", a realizar-se em breve por Léon Mathot, será interpretada por Alerme, Arrontel, Paulet e Dubost e talvez por Huguette Ex-Dufflos.

Os interiores e exteriores de "Bagares" de Georges Lacombe serão rodados em Nice, a partir de 5 do corrente.

HOLLYWOOD É O IRREAL...

(Trecho de uma crônica sobre cinema).

Hollywood criou um mundo próprio, um mundo inteiramente fora de toda realidade que ignora as misérias da vida cotidiana. Nesse mundo evoluem pessoas sempre ricas e desocupadas (não há operários nos filmes americanos) bem vestidas, sedutoras e belas. As únicas profissões celebradas são as dos comerciantes, jornalistas, detetives e estenógrafos (que sempre casam com o filho do patrão milionário). Intenção: dar dos U. S. A. uma imagem falsa, criar um mundo sem os problemas desta hora...

Está claro que há exceções como por exemplo Vinhas da Ira. Mas de modo geral Hollywood é a escola do irreal.

Nová Estrela: Simone Signoret

PARIS (S.F.I.) — Simone Signoret nasceu em 1923. Frequentou cursos de arte cinematográfica na escola de Solange Sicart. Ao começar a sua carreira artística, os alemães não lhe deram carteira profissional, porque o seu pai tinha fugido da França para se alistar nas Forças Francêsas Livres. Depois da Libertação, desempenhou importante papel num filme sobre a Resistência: "Les Démons de l'Aube". A seguir, interpretou em "Macadam" um dos prin-



Este é o CORONEL TATUIRA

PERSONAGEM DO NOVO LIVRO DE

MONTEIRO LOBATO



ZE BRASILEIRO

O COMPANHEIRO DE JECA TATU

Lançado pela EDITORIAL VITÓRIA LTDA

para todos os brasileiros!

EDITORIAL VITÓRIA LTDA
RUA DO CARMO 6, 13º ANDAR SALA 1306, RIO

PEÇA HOJE MESMO PELO REEMBOLSO!

Cr\$ 2,00

NOME _____
 SOBRENOME _____
 RUA _____
 CIDADE _____
 ESTADO _____

A venda em todas as bancas do centro

S. C.

TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL.
MOLESTIAS DE SENHORAS - OPERAÇÕES
DR. CAMPOS DA PAZ FILHO
 Ginecologista
 Caixa P. Light - Laureado pela Academia de Medicina
 Edifício CARIOCA - Sala 218 - Tels.: 42-7550 38-5656

NA VELHA BRITANIA

Os bandos emigrantes chegaram nos séculos V e VI, depois que os romanos abandonaram as terras cercadas pelo mar. Três costas e uma floresta encerrando um povo que tinha sua superstição pagã e que com o novo invasor de sua terra esperava viver sua vida de marítimos e de homens que partem para destino longínquo. Os séculos trouxeram novos homens, novos costumes, novas ansiedades. Veio a fé cristã, uma crença profunda, com os hábitos religiosos que a tradição inglesa ainda confirma em nossos dias. Esse povo de mar e da agricultura, esse povo que ainda fala a sua velha língua culta conserva ainda os velhos costumes bretões.

Ainda fazem suas festas com as suas vestes regionais, com vastos bordados de ouro, grandes chapéus de fita e veludos. As mulheres, com os seus vestidos bordados, enfeitados de grandes rendas e usando os enormes chapéus brancos.

Tôda essa vestimenta surge multiplicada nos dias de festas, dando uma característica absolutamente regional, a esse povo alegre e folgazão.

Estão em dia os costumes do passado, mesmo com as guerras, apesar do sofrimento e da invasão nazista.



Assistencia Publica ?

Um dos maiores absurdos entre os muitos efetuados ultimamente pelos administradores públicos, é o da cobrança de uma taxa de Pronto Socorro.

Quem não tem sequer dinheiro para comprar os caríssimos generos de primeira necessidade — e porisso mesmo vive tendo sincopes e outras manifestações de subnutrição, — está agora impossibilitado de chamar a ambulancia, para receber qualquer socorro imediato. Terá de pagar uma taxa, sob pena de não ser medicado.

Que tal essa nova finalidade do Pronto Socorro?

Essa medida deshumana provocou grande revolta entre o povo já sacrificado e agora arrastado a maiores misérias pela portaria do sr. Secretario de Saude e Assistencia. Todas nós sabemos que essa medida arbitraria é uma fonte de novas rendas. O que nos resta saber, é para onde vai essa renda, pois o enfermidade inesperada, povo nada vê de beneficio para os necessitados. Porisso prevemos que mais um crime contra a bolsa do povo se procura perpetrar.

A tabela traz preços que o pobre leva meses e meses para conseguir adquirir esse dinheiro e não lhe será possível dispor de tais importancias na eventualidade de uma

O fato é que as explorações nesse sentido vão começar.

Citemos um exemplo: estivemos ontem, na favela de Catumbi. Um rapaz queixou-se dessa portaria absurda. Seu irmão Raimundo adoeceu de repente e foi chamada a Assistencia. Deram-lhe uma injeção e o mandaram

para casa, onde ele continua acamado, sem nenhuma melhora. Pois bem, teve de pagar a taxa de Cr\$ 63,20. Mostrou-me o recibo.

..Ficamos revoltadas e todos os que ali se encontravam levantaram seus protestos.

Lembramos então, das pobres mulheres e crianças dos suburbios, dos morros e favelas. Vão ter de morrer à mingua, porque não poderão pagar a assistencia.

A portaria tem uma ressalva para a indigência. Entretanto, bem sabemos o quanto custa conseguir um atestado de pobreza no Distrito e doença ou acidente não espera. O que vai acontecer é que até se provar a indigência de alguém, o caso pode ser fatal. Enquanto isso a ambulancia fica lá quietinha dentro da garage, porque não tem de atender a quem não pode pagar.

Estamos certas de que os medicos do Pronto Socorro estão constrangidos com essa medida, pois a sua missão é bem outra.

Cumpre-nos, a nós, mulheres, prováveis victimas futuras dessa portaria, protestar contra essa medida deshumana, para que volte o Pronto Socorro à sua verdadeira missão, atendendo a todos em qualquer momento e com presiosa.

O que não podemos permitir é a transformação de uma instituição de assistencia publica num verdadeiro estabelecimento comercial.

Que todas as mulheres enviem seus protestos ao sr. Secretario de Saude, para que seja revogada essa portaria.